

A etiqueta da Morte de Fidel Castro - o acontecimento da morte da figura histórica no jornalismo¹

Ana Caroline Maciel SZEZECINSKI²
Vanessa HAUSER³
Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS

RESUMO

Notável líder da esquerda na América Latina, Fidel Castro morreu em 2016. Tamanho acontecimento histórico foi, por natureza, matéria prima para a cobertura jornalística de veículos de comunicação. A necessidade de etiquetar a conduta de Fidel fez parte do fazer jornalístico a fim de noticiar de forma mais completa o significado da morte do político. Neste trabalho, analisamos os jornais Folha de São Paulo e El País na cobertura do acontecimento do falecimento do cubano.

PALAVRAS-CHAVE: Fidel Castro; acontecimento; jornalismo; morte.

Ditador e comunista. Salvador e líder. A dicotomia da representação do homem Fidel torna a criação do personagem cada vez mais questionável. Dos noventa anos de vida, quarenta e sete foram dedicados à Revolução Cubana e à prática da presidência do país. Fidel Castro liderou Cuba de 1959 à 2006, quando cedeu o poder provisoriamente ao seu irmão, Raul, devido problemas de saúde. No ano seguinte, se afastou do cenário público, somente fazendo contribuições em jornais e em 2008, renunciou o poder definitivamente.

O falecimento de Fidel (26/11/2016) marcou muitas pessoas. Figuras políticas atuais e passadas expressaram seus pêsames pelas redes sociais *Twitter* e *Facebook*, ou compareceram a sua cremação. Outras, não necessariamente famosas por sua atuação na política, foram pelo caminho inverso: agradeceram ao mundo pela morte do “ditador”. O embate com os Estados Unidos marcou a vida pública de Fidel pela imprensa e em sua morte não seria diferente. Mais que as reformas estruturais no país e as causas de

¹ Trabalho apresentado no IJ1 - Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da ULBRA/Canoas, email: ana.szec@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ULBRA/Canoas, email: vanessahauser.ulbra@gmail.com.

sua necessidade, Cuba ficou conhecida pela aliança com a antiga URSS e pela rivalidade com os norte-americanos

Os veículos de comunicação tiveram abordagens diferentes, como o jornal Folha de São Paulo, que foi o único jornal do mundo que se referiu ao político como Ditador. A ênfase de suas informações era na rivalidade com os EUA, sem abordagem do contexto social e político que a Revolução de 1959 ocorreu.

O jornal El País, na versão online brasileira, mesmo não sendo tão completo quanto sua base na Espanha, dedicou uma semana de reportagens extensas sobre Fidel na semana do dia 26 de novembro de 2016. Depoimentos de figuras famosas, reação nas ruas cubanas e de outros países, relacionamento de Fidel com a família, aproximação dos Estados Unidos em 2014 e suas consequências, melhorias do sistema político com base no modelo comunista e conflitos dos nativos com o mesmo foram abordados.

A dificuldade para lidar com o tema morte sempre foi presente no papel da mídia. Noticiar um acontecimento tão complexo com inúmeras variáveis que o simbolismo que Fidel representava afeta na quantidade extenuante de conexões das redes de informações relacionadas com o assunto.

A compreensão da morte de uma figura histórica polêmica vai, portanto, ser extremamente complexa. É sobre o que a figura de Fidel despertava na percepção do leitor ao ser retratada pelos jornais. Os aspectos visíveis, através da escrita da notícia, produzem pensamentos sobre o tema, mas a compreensão do leitor não se limita ao entendimento morfosintático do texto. É a relação da memória do leitor sobre a conexão do personagem e o que a morte significa como acontecimento que produzem conclusões sobre o assunto. É uma questão das conexões que o leitor faz sobre o assunto e o personagem.

Neste trabalho pretendemos analisar o conceito de acontecimento através da morte de Fidel Castro noticiada nos jornais El País e Folha de São Paulo. Dentro desta análise, trabalharemos sobre o discurso jornalístico relacionado ao conceito de morte e seu simbolismo.

1. Fidel e a imprensa

O julgamento sobre quem foi Fidel Castro é complexo. Seu envolvimento com a mídia internacional o fez ser odiado ou amado, com o imaginário do público sendo moldado com a grande diferença das palavras de manchetes: “líder” ou “ditador”.

As mais diferentes reações são expressas quando é iniciado o assunto “Fidel”. O papel da mídia, neste sentido, foi imprescindível para a formação do caráter imaginário que o interlocutor tem. Em decorrência da troca de informações entre as pessoas e o contato midiático, a realidade começa a ser moldada.

Medistch (2010), citando Berger e Luckmann, analisa o papel do homem e da sociedade perante a criação da realidade. Segundo eles, o homem e o seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro; a sociedade é um produto humano; a sociedade é uma realidade objetiva; homem é um produto social. Portanto, se torna impossível desvincular o papel de um sobre o outro, visto que é a ação do conjunto que transforma os pensamentos das pessoas e a noção de realidade da sociedade.

A criação do caráter de Fidel Castro, portanto, não deve ser pensada somente como culpa da mídia, visto que a mídia é composta por pessoas, que fazem parte da sociedade. Seus pensamentos e posicionamentos, estando na posição de quarto poder, influenciarão direta ou indiretamente na no julgamento e familiaridade do público com o assunto.

A criação do personagem como Fidel, não somente como um rebelde, começa na mídia internacional em 1957, quando o jornal norte-americano *The New York Times* publicou a notícia de que o “Rebelde Cubano é Visitado no Esconderijo; Castro Ainda Está Vivo e Ainda Luta nas Montanhas”⁴. Na época, acreditavam que o cubano estava morto, depois de ataques contra o então presidente Fulgêncio Batista. A matéria de Herbert L. Matthews, que incluía uma entrevista com o rebelde, repercutiu de tal maneira que a noção pública do poderio de Fidel aumentou, ao afirmar que o cubano que estava vivo e organizava uma guerrilha em Sierra Maestra. Mais do que isso, Matthews escreveu que Fidel era 'um homem de ideais, de coragem e de notáveis qualidades de liderança', e concluiu que seu movimento era 'radical, democrático e, portanto, anticomunista'. Anos mais tarde, em 2006, foi lançado, no Brasil, pela editora Companhia das Letras, o livro “O Homem que Inventou Fidel – Cuba, Fidel e Herbert L. Matthews”, do norte-americano Anthony Depalma que fala da relação do jornalista e de Fidel e das consequências da reportagem.

⁴ Tradução livre de: [Cuban Rebel Is Visited in Hideout; Castro Is Still Alive and Still Fighting in Mountains. Fidel Castro, the rebel leader of Cuba's youth, is alive and fighting hard and successfully in the rugged, almost impenetrable fastnesses of the Sierra Maestra, at the southern tip of the island. By HERBERT L. MATTHEWS, Feb. 24, 1957](https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9A00E0DB113EE63ABC4C51DFB466838C649EDE&rref=collection%2Ftimestopic%2FCastro%2C%20Fidel)

<https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9A00E0DB113EE63ABC4C51DFB466838C649EDE&rref=collection%2Ftimestopic%2FCastro%2C%20Fidel>

Ainda que Mathews possuísse uma posição diferenciada como jornalista de guerra de um dos maiores periódicos do mundo, a opinião sobre Fidel não era unânime. Depois da Revolução de 1959 e de ser eleito líder cubano, em 1960, as negociações do país com a antiga União Soviética (URSS) de açúcar são noticiadas pelo mesmo jornal, em matéria de Hart Phillips⁵. Dois anos mais tarde, o embargo econômico feito pelos Estados Unidos inicia.

No panorama Brasileiro, em 1968, surge a Revista Veja, cuja primeira manchete da história foi “O Grande Duelo no Mundo Comunista”. Em 1990, o teor das matérias passa a ser de liberalismo econômico e de políticas de direita. Ao longo de sua história, Fidel Castro é abordado como prejudicial na condução do país, no sentido de que o presidente retardou o desenvolvimento de Cuba ao ser afim do movimento comunista. Em 1976, o primeiro livro brasileiro sobre o estado de Cuba pós-revolução é lançado com o título de “A Ilha”, por Fernando Moraes, antigo repórter da revista. Dois anos mais tarde do seu primeiro encontro com Fidel, 1975, Moraes entrevistou oficialmente o presidente cubano para as páginas amarelas da Veja⁶.

Em 2006, Reinaldo Azevedo, jornalista da Veja, publicou em seu blog um texto sobre o aniversário do cubano com o seguinte título: “Os 80 anos de Fidel: números de um facínora”⁷. Na escrita, afirma que em poucos anos, Castro comprovará que Deus existe, mas antes o Inferno, além de criticar a existência dos exilados políticos e da fuga do povo. Termina por comparar a conduta do presidente com o Presidente George Bush, ao criticar a população que considera o último como um bandido enquanto o primeiro como um “ditador de opereta”.

O jornal espanhol El País, em 2013, publicou uma notícia sobre a morte do ex-presidente e herói nacional Nelson Mandela. Intitulada “O grande amigo de Mandela nas Américas foi Fidel Castro”⁸, o jornalista Francisco Peregril discorre sobre a conduta de agradecimento do sul-africano pela ajuda militar que Fidel prestou ao país na luta contra o *apartheid*.

Na semana de sua morte, os veículos de imprensa encararam a difícil tarefa de recriar a figura do ditador/líder com sua história finalizada. Sem mais a possibilidade de

⁵[http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?](http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9906E6D8113DEF3ABC4C52DFB466838B679EDE&rref=collection%2Ftimestopic%2FCastro%2C%20Fidel&legacy=true)

[res=9906E6D8113DEF3ABC4C52DFB466838B679EDE&rref=collection%2Ftimestopic%2FCastro%2C%20Fidel&legacy=true](http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9906E6D8113DEF3ABC4C52DFB466838B679EDE&rref=collection%2Ftimestopic%2FCastro%2C%20Fidel&legacy=true)

⁶ <https://www.cartacapital.com.br/internacional/quarenta-anos-com-fidel-fragmentos-de-lembrancas>

⁷ <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/os-80-anos-de-fidel-numeros-de-um-facinora/>

⁸ http://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/06/internacional/1386296516_464455.html

novas atitudes a serem interpretadas e se baseando em fatos históricos retratados na mídia, o trabalho foi coletar as informações e traçar o contexto em que sua vida passou.

A reportagem do jornal O Globo⁹, em 28/11/2016, tratou sobre o grande poder de carisma e sedução de Fidel, tanto com na política, quanto em relacionamentos interpessoais; entre outras notícias de diversos veículos, que tentavam justificar as ações do cubano ou ao menos contextualizá-las. Pontes e Silva (2010), citando Bloch, explicam que é mais necessário explicar e entender o contexto, não só as ações do indivíduo. Segundo eles, um fenômeno histórico nunca se explica fora do estudo do seu momento, muito menos a morte de uma figura histórica como a tratada aqui.

Benetti explica que o discurso jornalístico acontece dentro da moldura de um contrato de comunicação que define suas peculiaridades, as expectativas sobre si e os lugares ocupados pelos sujeitos (2012). A capacidade do texto, em todos os âmbitos retratados pela mídia ao longo da história, produz sentidos sobre o mundo que estão impregnados de efeitos de verdade..

Cabe ao leitor aceitar o contrato de comunicação, em que se tornará influenciador e influenciado da construção da realidade. Sobre o líder cubano, não é só a força da mídia que o caracterizou como “Ditador” ou “Líder”, mas também a opinião do público-alvo do veículo, mesmo que não definida completamente, sobre o assunto.

2. Quem é Fidel? O que foi a Revolução?

A história de Fidel começa em 1926, na aldeia cubana de Birán, como terceiro de sete filhos do imigrante espanhol Angel Castro e da cubana Lina Ruz. Até mesmo o relacionamento dos seus pais possui perspectivas diferentes: Lina, segundo reportagens¹⁰, era empregada de Angel e de sua esposa. Começaram a relação quando este ainda era casado, fazendo com que seus sete filhos fossem bastardos. Em contrapartida, Juanita Castro, irmã de Fidel, afirma que o pai conheceu Lina cinco anos depois de estar separado, mas não divorciado, de Maria Luísa, e que assim que se divorciou, passou a viver com Lina Ruz e em pouco tempo se casaram (CASTRO E COLLINS, 2011) e tiveram seus filhos.

Os indícios do ímpeto revolucionário surgiram a partir de 1945, quando o líder cubano começou a cursar Direito na Universidade de Havana. Lá conheceu conceitos de

⁹ <http://oglobo.globo.com/mundo/fidel-castro-homem-que-amava-as-mulheres-20554857>

¹⁰ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/a-trajetoria-de-fidel-castro.ghtml> ,
http://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/19/internacional/1397937777_016530.html

nacionalismo, anti-imperialismo e socialismo¹¹ e com o ambiente de efervescência política, começou a se interessar por política. Entre 1947 e 1948, viajou para a República Dominicana em uma expedição armada fracassada para afrontar o então presidente do país, Rafael Trujillo, considerado ditador.

Ao voltar para a faculdade (1948), participou da revolta do Bogotazo, ocasionada pelo assassinato do candidato liberal à presidência da Colômbia, Jorge Gaitán. No mesmo ano, se casou com Mirta Díaz-Balart, com quem teve seu filho Fidelito. Dois anos depois, formado e com um escritório de advocacia, entra oficialmente na política no Partido Ortodoxo e se candidata ao Congresso. Em 1952, Fulgencio Batista toma o poder em Cuba e suspende todas as eleições.

A influência do militarismo americano no país latino era forte desde 1899, quando a ocupação militar iniciou. Tendo terminado em 1902, esta ocupação consolidou o controle do comércio e reorganizou o sistema político cubano em função dos interesses da dominação neocolonial (SANTOS, 2002). Até 1959, o país era conhecido como La Habana, referência à principal província de interesse dos Estados Unidos, e como bordel particular de grandes figuras militares e políticas norte-americanas. Tempos de charutos, rum e prostituição, as *calles* cubanas se enchiam de nativos pedintes e analfabetos. Até o ano da Revolução, Cuba conheceu a corrupção política, o rombo nos cofres públicos e o descaso frente aos problemas de setores populares.

Em 1953, antes da Revolução, o país era composto por 6 milhões de habitantes. O ensino primário atendia apenas metade da população escolar. Meio milhão de crianças não iam à escola e mais de meio milhão de analfabetos compunham o país. Como consequência, a seletividade do ensino médio e superior restringia grande parte da população. Depois de uma odisseia para depor o presidente Fulgencio Batista, Fidel Castro assumiu o poder, inspirando a necessidade de reforma de saúde, social e educacional no povo (SANTOS, 2002).

Cuba começou as mudanças na educação em 1961, com uma política de transparência e participação popular. O *Año de la Educación*, como ficou conhecido, era composto de três pilares de tarefas: 1) escolarização de toda população infantil; 2) campanha nacional de alfabetização e 3) garantia de estudos pós-alfabetização. Com melhores condições de ensino e noções de comunidade, os cubanos tentavam alcançar uma utopia com pequenos passos. O manual *Alfabetizamos* tinha o lema “*el que sabe, enseña al que no sabe*” e com isso as pessoas saíam de suas casas de variadas formas a

¹¹ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/a-trajetoria-de-fidel-castro>.

fim de chegar nos lugares mais difíceis para alfabetizar. Com uma base melhor de educação, mais pessoas puderam entrar no ensino superior – que passava a ser gratuito, ainda que seletivo – a partir de suas notas ao longo do ensino fundamental e médio.

A construção de novas escolas e diversos hospitais; o incentivo à graduação de médicos e professores não foi um processo tranquilo. Ainda que o incentivo à noção de comunidade fosse forte, a reconstrução de hábitos e corte brusco de vícios afetou a população cubana. Na ausência de acordo de cooperação com os EUA, Cuba sofreu o embargo econômico em 1962, que foi transformado em instrumento legal em 1992 e em 1995. Os cubanos foram incapazes de negociar qualquer produto de países que não fossem seus aliados diretos. A escassez da indústria alimentar e têxtil afetou o povo de uma forte maneira. Comer enlatados foi a solução para o problema da falta de comida, deixando muitas pessoas enjoadas de ervilhas, conforme relata Gabriel Garcia Marques em sua reportagem *Cuba de cabo a rabo* (MÁRQUEZ, 2006)

No entanto, não se era possível contar somente com o auxílio de sua principal aliada, URSS, que ajudava com proteção bélica e alimentar. Exercícios militares passaram a ser frequentes na rotina do país, que deveria estar sempre preparado para uma invasão armada. A produção agrícola se tornou manual e com tração animal, caso os EUA decidissem atacar, tomando como base a tática Vietnamita. O governo garantia e garante a alimentação de todo cidadão, com direito à alimentação nutricional – o suficiente para viver. Compartilhar não deixou muitas famílias felizes, ocasionando sua “fuga” para outros países. Quem quisesse outros alimentos, poderia pagar um valor mais alto em outros mercados, na própria Cuba.

Conflitos internos apareceram e foram noticiados como principal acontecimento do país para a mídia internacional. A perda do direito de greve dos sindicatos, a perseguição de instituições religiosas e o fechamento de jornais independentes foram liberdades civis confiscadas, segundo reportagem do G1, ainda que Mário Augusto Jakobskind, no livro *Apesar do Bloqueio*, afirme que nos “jornais cubanos publica-se todo o tipo de notícia, inclusive as de ataque a essa linha [antiimperialista] geral. A imprensa critica os órgãos do governo quando necessário” (JAKOBSKIND, 1985)

As incontáveis fugas de cubanos para Flórida (EUA) dividiram o país. Entre exilados políticos, opositores condenados à execução e prisões, centenas de milhares de pessoas pereceram ao longo dos anos.

O desentendimento de Fidel com a irmã Juanita foi de conhecimento geral. Ela, que não concordava com as políticas, personalidade e jeito de governar do irmão, ficou conhecida pela influência na libertação de vários presos políticos e pelo exílio nos Estados Unidos. Quando lá, auxiliou a agência de inteligência CIA a planejar e se infiltrar em Cuba em um ataque fracassado.

Em 2006, sofrendo de uma grave doença intestinal, Fidel se retirou do poder, confiando ao irmão Raúl o poder para guiar Cuba e o Partido Comunista. Seguiu com atuação opinativa no jornal *Granma*, onde publicava uma coluna. Quando ocorreu a aproximação do país com os Estados Unidos em 2015, promovida pelo irmão, o ex-presidente Barack Obama e o Papa Francisco, afirmou que apesar de não confiar na política americana, não se opunha à iniciativa.

Renunciou o poder definitivamente em 2008, quando ficou ausente da mídia, que diversas vezes supôs que estava morto. Fidel Castro morreu com noventa anos de idade no dia vinte e seis de novembro de 2016. Teve oito filhos: “Fidelito”, com Mirta Díaz-Balart, Alina Fernández e Jorge Angel, de duas outras relações, Alejandro, Antonio, Alexis e Angel, com sua parceira de décadas até sua morte, Delia Soto del Vale. Foi uma figura pública por quarenta e sete anos, como guerrilheiro e presidente do país. Ficou conhecido como último líder revolucionário que marcou o século XX.

3. A etiqueta de morte

O século XX foi constituído de guerras e de competição armamentista, grande parte pela rivalidade capitalista *versus* socialista da Guerra Fria. Fidel foi considerado um dos rostos do socialismo. Ao lado da Rússia, Cuba foi uma das maiores rivais dos Estados Unidos, tanto que a aproximação dos dois países em 2015 foi um marco histórico, presenciado pelos líderes da época Barack Obama (EUA) e Raúl Castro (Cuba), tendo o encontro sido mediado pelo Papa Francisco.

Segundo Pontes e Silva (2010), citando Rodrigues, caberia ao discurso jornalístico uma forma de enquadrar e regular os acontecimentos a partir da sua *característica de exposição* e posteriormente a tarefa de suscitar discussões e soluções através de sua *característica pública*. O jornalismo faz do inesperado, principal conteúdo para a execução de sua atividade, na devida categorização do valor-notícia.

A morte de Fidel não era inesperada, ainda mais depois de incontáveis atentados contra sua vida ao longo dos anos e sua ausência dos holofotes midiáticos, o que fez

com que muitos veículos de comunicação dos EUA já o considerassem morto. Ainda assim, quando o irmão Raúl anuncia sua morte, é despertada a lembrança do efeito que a doença teve no falecido. Não por menos, Fidel se afastou da liderança do país há onze anos (2006).

As histórias de fundo simbólico e mítico, no entanto, ainda são reproduzidas por jornalistas ao noticiar a morte. Em reportagem do *The Guardian*¹², Fidel é retratado como um estrategista, que se valeu da inocência de repórteres para aumentar seu reconhecimento e o alcance do seu poder. Já o *Miami Herald*¹³, considera-o como um homem com um grande ego, cuja inesgotável energia e incomparável retórica o auxiliou a enfrentar diversos desafios.

He held a unique place among the world's leaders of the past century. Others had greater impact or won more respect. But none combined his dynamic personality, his decades in power, his profound effect on his own country and his provocative role in international affairs. (MIAMI HERALD, 2016)

O objetivo de falar sobre Fidel nos dias 25 e 26 de novembro foi sua morte, mesmo que esta tenha sido o fato menos mencionado. Traçar a identidade de alguém tão conhecido mundialmente se tornou o desafio para retratar tal acontecimento. A objetivação já havia sido feita, ainda que com poucos detalhes sobre o ocorrido. Benetti explica que a morte é objetivada e qualificada no jornalismo pela narrativa dos detalhes que lhe dão ancoragem ao real, mas o fato de ser objetivada não lhe retira o poder simbólico (2012). Portanto, a fim de tornar Fidel um personagem mais próximo do leitor para o mesmo compreender a magnitude do acontecimento, foram necessários textos explicativos de sobre sua vida e infográficos de contextualização.

A morte de uma figura pública com grande impacto político demanda a construção de uma proximidade com o público, a fim de tornar o personagem mais humano. No entanto, são os fatos experimentados por elas que as fazem merecedoras de distinção (ANTUNES, 2012). Em outras palavras, não se trata somente do poder da retórica de Fidel, tampouco de seu carisma ou ego; mas sim dos aspectos, ou atitudes, que interagem com outras variáveis da história da humanidade. Ainda segundo Antunes, nuances imprevisíveis à primeira vista e que apenas a compreensão de contextos sócio-

¹² <https://www.theguardian.com/world/2016/nov/27/castro-claimed-he-tricked-the-new-york-times-but-we-may-be-the-real-dupes>

¹³ <http://www.miamiherald.com/news/nation-world/world/americas/fidel-castro-en/article117186483.html#storylink=cpy>

culturais, incluindo mecanismos presentes na produção noticiosa, pode ajudar a entender.

Desta forma, são feitas conexões mentais do próprio leitor a partir do conteúdo jornalístico produzido sobre a morte de Fidel, que instigam em sua memória o que significa sua morte e o que significou sua vida. Em uma busca por referências e necessidade de construção de um julgamento sobre o falecido, o leitor passa a se valer do conteúdo apresentado e do conteúdo armazenado em sua memória.

Meditsch, discorrendo sobre a Teoria da Cognição Situada, cita Lemke em:

Essas redes de conexões que fazemos, e que são feitas na atividade de auto-organização dos sistemas maiores de que participamos, se estendem para trás no tempo, assim como para além no mundo social e material. [...] Mas todas estas noções só fazem sentido na medida em que enxergamos redes de conexões entre fatos, momentos, práticas, atividades, comunidades de práticas, períodos históricos, estágios de vida, textos e assim por diante. (Lemke, 1997, p.49-50)

Os motivos pela exposição da pessoa pública, a necessidade de explicação de quem foi e a humanização através de características pessoais descritas em reportagens aproximam o público, que depois das conexões da memória, fazem ou não, um juízo de valor sobre o personagem. Neste sentido, buscam soluções para etiquetar a morte, ou as encontram no próprio texto noticioso, na tentativa de responder a indagação se foi um bom acontecimento ou mal.

Os Acontecimentos sempre chegam no público através da mídia. Segundo Tuchman e Alsina (2010), são construídos através da realidade discursiva criada pelo jornalismo, cuja prática produtiva auxilia no processo de construção de realidade social. (p.22) Ainda a mídia não seja a única responsável pela construção e manutenção da realidade, visto que as redes de conexões e a influência de outras pessoas cuja opinião importa para o leitor (MEDITSCH, 2010) atuam em conjunto neste tópico. Portanto, toda a conclusão e compreensão da morte e do significado da morte de Fidel Castro passa por uma série de variáveis sobre morte e realidade no acontecimento.

4. Cobertura da Morte

As matérias selecionadas para a análise foram publicadas entre o dia 26 e 27 de novembro de 2016. A morte de Fidel aconteceu no dia 25, às 22h29min no horário local

de Cuba, sendo à 1h29 do dia seguinte no horário de Brasília. Os veículos analisados serão a edição impressa do jornal brasileiro Folha de São Paulo do dia 27, que realizou um caderno especial contendo a trajetória de vida e os principais acontecimentos da vida de Fidel; e a edição online do jornal espanhol El País, na versão brasileira, e as matérias publicadas no dia 26.

4.1. Folha de São Paulo

Notícias publicadas no jornal impresso Folha de São Paulo, como manchete principal da edição “*Fidel Castro está morto*” e como Caderno Especial, no dia 27/11/2016.¹⁴

4.1.1. *Absolveu?* (SCHWARTSMAN, 27 nov. 2016)¹⁵

4.1.2. *Ditador cubano morre aos 90 anos e deixa legado de repressão a dissidentes, empobrecimento e algumas conquistas sociais* (APPLE, LINHARES, 27 nov. 2016)¹⁶

4.1.3. *Fidel Castro foi santo ou demônio, dependendo da posição ideológica de quem o julgava; da guerrilha às décadas de poder, moldou a imagem de um país* (FOLHA DE SÃO PAULO, 27 de nov. 2016)¹⁷

4.1.4. *Persistência* (ROSSI, 27 nov. 2016)¹⁸

4.1.5. *Sem Fidel, sobra quase nada do mito do baluarte comunista* (MAGNOLI, 27 nov. 2016)¹⁹

4.1.6. *O caminho do poder – veja a trajetória de Fidel, da guerrilha à última aparição pública* (FOLHA DE SÃO PAULO, 27 nov. 2016)²⁰

4.1.7. *Entre luto e festa – cubanos variam da emoção à resignação, a ilha dá início aos nove dias de luto* (APPLE, LINHARES, 27 nov. 2016)²¹

4.1.8. *Entre luto e festa – Em Miami, celebração une insultos a Fidel e vivas para Trump* (NINIO, 27 nov. 2016)²²

¹⁴ <http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/?q=morte+de+fidel+castro&site=fsp&periodo=ano&x=10&y=10>

¹⁵ <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/11/27/48/>

¹⁶ <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/11/27/48/>

¹⁷ <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/11/27/48/>

¹⁸ <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/11/27/48/>

¹⁹ <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/11/27/48/>

²⁰ <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/11/27/48/>

²¹ <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/11/27/48/>

²² <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/11/27/48/>

4.1.9. *Aversão e Fascínio – Interesse dos EUA por Cuba nasce com o país*
 (DÁVILA, 27 nov. 2016)²³

4.1.10. *Aversão e Fascínio – No Brasil, ilha incitou sonhos e guerrilha*
 (VIANNA, 27 nov. 2016)²⁴

4.2. El País

Notícias publicadas no jornal online El País brasileiro no dia 26/11/2016²⁵. Das 27 matérias publicadas, 8 eram multimídia, contando com além do texto, vídeo ou fotos.

4.2.1. *Onde e como assistir a Palmeiras x Chapecoense* (CANTO, 26 nov. 2016)²⁶

4.2.2. *Cuba deixa para trás o século XX com a morte de Fidel* (DE LLANO, 26 nov. 2016)²⁷

4.2.3. *Fidel em cifras: do discurso mais longo na ONU a aparições em ‘Os Simpsons’* (CANTO, 26 nov. 2016)²⁸

4.2.4. *Frei Betto: “Fidel morreu feliz pela coerência da sua vida”* (JIMENÉZ, 26 nov. 2016)²⁹

4.2.5. *Os militares marcam o caminho de uma sucessão sem herdeiros claros*
 (VINCENT, 26 nov. 2016)³⁰

4.2.6. *A ‘ovelha negra’ da família Trump* (CARDIEL, 26 nov. 2016)³¹

4.2.7. *Um futuro para Cuba* (EDITORIAL, 26 nov. 2016)³²

4.2.8. *Fátima: milagre, mentira e/ou negócio* (MARTÍN, 26 nov. 2016)³³

4.2.9. *Vargas Llosa: “A história não absolverá Fidel Castro”* (CRUZ, 26 nov. 2016)³⁴

²³<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/11/27/48/>

²⁴<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/11/27/48/>

²⁵<http://brasil.elpais.com/tag/fecha/20161126>

²⁶http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/27/deportes/1480208212_661643.html

²⁷http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480194027_940277.html

²⁸http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480179924_147856.html

²⁹http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/politica/1480191580_289403.html

³⁰http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480187533_680305.html

³¹http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480187533_680305.htmhttp://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/25/estilo/1480091391_667448.html

³²http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/opinion/1480182319_918223.html

³³http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/24/internacional/1479990390_862933.html

³⁴http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480179817_863445.html

-
- 4.2.10. *Netanyahu culpa o terrorismo pela catástrofe dos incêndios florestais*(SANZ, 26 nov. 2016)³⁵
- 4.2.11. *Fernando Morais: “De sua ilha, Fidel chacoalhou o planeta”*
(MAREIRO, 26 nov. 2016)³⁶
- 4.2.12. *Estados Unidos perdem Fidel Castro, o eterno inimigo* (BASSETS, 26 nov. 2016)³⁷
- 4.2.13. *Trump chama Fidel de “ditador brutal” e enterra a política de Obama*
(MARS, 26 nov. 2016)³⁸
- 4.2.14. *Um furacão no crânio* (AZNAREZ, 26 nov. 2016)³⁹
- 4.2.15. *O outro uniforme de Fidel Castro: seu agasalho* (CANTÓ, 26 nov. 2016)⁴⁰
- 4.2.16. *A Cuba de Fidel, uma mudança de rumo ainda não concluída*
(AZNAREZ, 26 nov. 2016)⁴¹
- 4.2.17. *Fidel Castro, da guerrilha ao encontro com o Papa em imagens*
(AZNAREZ, 26 nov. 2016)
- 4.2.18. *A morte de Fidel Castro* (EL PAÍS, 26 nov. 2016)⁴²
- 4.2.19. *Fidel e suas visitas ao Brasil desde 1959, em imagens* (EL PAÍS, 26 nov. 2016)⁴³
- 4.2.20. *No Brasil, uma relação de amor e ódio com Fidel Castro* (JIMENEZ, 26 nov. 2016)⁴⁴
- 4.2.21. *Morte de Fidel leva euforia à Pequena Havana, em Miami* (DE LLANO, 26 nov. 2016)⁴⁵
- 4.2.22. *Morte de Fidel Castro amplia dúvidas sobre reaproximação com os EUA*
(AYUSIO, 26 nov. 2016)⁴⁶

³⁵ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/25/internacional/1480077003_820182.html

³⁶ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/politica/1480176539_528192.html

³⁷ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480167171_557732.html

³⁸ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480173796_688650.html

³⁹ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480150805_380702.html

⁴⁰ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480154139_484452.html

⁴¹ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480154287_101931.html

⁴² http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/album/1480142191_261496.html

⁴³ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/album/1480160431_630742.html#1480160431_630742_1480161254

⁴⁴ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480166375_311122.html

⁴⁵ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/cultura/1480155380_305340.html

⁴⁶ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480142740_152677.html

-
- 4.2.23. *A herança deixada por Fidel Castro na América Latina* (ROY, 26 nov. 2016)⁴⁷
- 4.2.24. *Vídeo | Acompanhe ao vivo o sinal da televisão cubana* (EL PAÍS, 26 nov. 2016)⁴⁸
- 4.2.25. *Raúl Castro se despede de Fidel: “Até a vitória! Sempre!”* (EL PAÍS, 26 nov. 2016)⁴⁹
- 4.2.26. *Morre Fidel Castro aos 90 anos* (DE LLANO, 26 nov. 2016)⁵⁰
- 4.2.27. *As melhores frases de Fidel Castro* (EL PAÍS, 26 nov. 2016)⁵¹

5. Análise

Ao analisar as reportagens e suas manchetes, é visível a necessidade que a mídia teve de etiquetar a morte de Fidel Castro. Da comparação com o irmão Raúl à relação tempestuosa com a política dos EUA, o maior tópico, admitido em texto ou deixado subentendido, foi o questionamento e o julgo se a história absoveu ou não o líder cubano. Em referência ao discurso mais conhecido proferido pelo mesmo, em 1955, Fidel manteve, em vida, a convicção de que a história o absolveria.

A fim de contextualizar a vida da figura política, os jornais analisados utilizaram a ferramenta de exposição da trajetória de vida, em texto corrido, galeria de imagens e em infográficos. Na aplicação da teoria da Cognição Situada, lembraram associações de Fidel com outras figuras políticas mundiais e eventos históricos que participou, a fim de que conseguissem despertar no público lembranças para que pudessem associar o que a figura do cubano representou nas suas vida e também etiquetassem a morte.

Entre as manchetes de que *“Fidel morreu feliz pela coerência de sua vida”*, do El País, e *“Ditador cubano morre aos 90 anos e deixa legado de repressão a dissidentes, empobrecimento e algumas conquistas sociais”*, da Folha de São Paulo, a objetividade do assunto da morte foi por vezes deixada de lado, quando a razão da morte foi a menos explorada.

Os jornais dedicaram um caderno especial para a edição impressa e uma grande quantidade de matérias sobre o mesmo assunto para um jornal online. O formato de cada veículo afetou diretamente na produção de conteúdo e na sua amplitude. Ainda que

⁴⁷ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480141745_256963.html

⁴⁸ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/videos/1480148316_470045.html

⁴⁹ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480142656_247120.html

⁵⁰ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480139571_674437.html

⁵¹ http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/26/internacional/1480156489_562033.html

com contribuição de jornalistas cubanas no caderno especial da Folha, o jornal El País fez uma cobertura mais completa. Como exemplo, no mesmo dia, vinculou o sinal cubano no site para transmitir ao vivo como estava sendo o acontecimento no próprio país de Fidel.

A figura de guerrilheiro ficou por vezes subjugada à figura de líder intransigente, como visto na matéria de Magnoli, “*Sem Fidel, sobra quase nada do mito do baluarte comunista*”, da Folha de São Paulo. E a incerteza sobre o futuro de Cuba e da relação da ilha com os Estados Unidos, ilustrada na matéria de Ayusio, do El País, “*Morte de Fidel Castro amplia dúvidas sobre a reaproximação com os EUA*”.

Neste sentido, podemos concluir que não há uma unanimidade do julgamento do caráter do líder cubano. Há, no entanto, a noção de ambos jornais da amplitude da presença de Fidel Castro na história da América Latina e a influência que teve ao apoiar de líderes dos países do continente. Por ter sido uma figura notável que demarcou uma condução política e econômica drasticamente diferente do resto do mundo, todos os veículos analisados apresentaram incerteza sobre o futuro de Cuba e da relação do país com seu “eterno inimigo”, os EUA.

6. Referências Bibliográficas

- BENETTI, Marcia et al **Jornalismo e Acontecimento**. Florianópolis: Insular, 2010, v.1: Mapeamentos críticos.
- COLLINS, María Antonieta. **Fidel e Raúl, meus irmãos – a história secreta**. Memórias de Juanita castro. Planeta: São Paulo, 2009.
- JAKOBSKIND, Mário Augusto. **Apesara do Bloqueio**, um repórter carioca em Cuba. Rio de Janeiro: Ato, 1985.
- MAROCCO, Beatriz et al. **Jornalismo e Acontecimento**. Florianópolis: Insular, 2012, v.4: Diante da morte.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **Reportagens Políticas**. Rio de Janeiro: Record, 2006, v. 4: Obra Jornalística 1974-1995.
- MORAIS, Fernando. **A Ilha**. 3.ed.São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- SANTOS, Marcos Ferreira et al. **Imagens de Cuba, a esperança na esquina do mundo**. São Paulo: Zouk, 2002.